

# reportagem cultural

## Qualidade musical além das fronteiras

Marcello Campos, especial para o JC \*

Bastaram poucos meses para que o Conjunto Flamboyant alcançasse o estrelato dentro e fora de Porto Alegre. Presença constante no roteiro de bailes Rio Grande do Sul afora e com elogiada atuação na Rádio Farroupilha, o melódico embarcou na novidade que chegava aos lares gaúchos em dezembro de 1959: a televisão, através da Piratini. Suas performances instrumentais desde a inauguração agradaram em cheio, sob números próprios ou no acompanhamento de vozes em visita pelo Canal 5, a exemplo de Dóris Monteiro, Moacyr Franco, Sônia Delfino, Roberto Luna e outras estrelas nacionais. Faltava um *crooner* próprio, função assumida em definitivo pelo locutor e cantor Hermes Correa após breve período com o colega Athaide Ferreira ao microfone.

Algumas posições também haviam mudado, com o ingresso e Adão Pinheiro nas teclas e Gercy

Saraiva nas baquetas - por curto período, dando lugar a Lupicínio "Mutinho" Rodrigues, sobrinho do famoso compositor. Aparições constantes nas noites domingueiras com o programa de variedades *Show Wallig* e até um quadro próprio de meia-hora, intitulado *Flamboyant Show*, resultaram no convite para gravar um LP pelo selo carioca Belacap, em 1961. Aos 92 anos, Gercy contextualiza sua saída: "Acontece que eu era bancário e dono do Bar Saraiva, na rua João Alfredo [Cidade Baixa], portanto não tinha como me ausentar da cidade. Chamei o Mutinho para o meu lugar e deu tão certo que ele não saiu mais".

Outro dos poucos membros ainda vivos da turma é o próprio Mutinho, na ativa aos 85 anos. Ele resume a saga do disco, que por pouco não morreu na praia. "Compramos passagem para o Rio de Janeiro, ida e volta, reservamos hotel. Ao chegar lá, descobrimos que o selo responsável pela proposta



Conjunto Flamboyant em foto de 1961, ano em que rumaram ao Rio para gravar o único LP

era independente, não uma gravadora com estrutura, divulgação e tal, então desistimos. Nosso dinheiro acabou e o acordeonista Gaúcho [Aureo Thomas, radicado no Rio]

segurou as pontas por uns dias, bancando nosso almoço, até que o cantor carioca Jamelão, muito amigo do meu tio Lupi, conseguiu que gravássemos na Continental.

Foi um sucesso e todo mundo falou bem do disco, que acabou sendo o único do grupo".



### Pérola fonográfica

Gravado no verão carioca de 1961, o único disco do Flamboyant segue a cartilha eclética e dançante dos conjuntos melódicos, acrescida do acento jazzístico e inventividade responsáveis pela sonoridade diferenciada do grupo. Há de tudo um pouco nas 12 faixas de *O Que Se Dança às Margens do Guaíba*: samba-

canção (incluindo *Exemplo e Nervos de Aço*, de Lupicínio Rodrigues), mambo, baião, chacha-chacha, 'telecoteco' e bossa nova, além da italianíssima *O Sole Mio* vertida para o *beguine* e uma enfezada versão em samba-jazz para a erudita *Tristesse*, composta 130 anos antes pelo francês Frédéric Chopin. E ainda traz o singelo samba *Moreninha*,

estreia do baterista Mutinho como compositor. O músico e pesquisador Arthur de Faria sublinha: "Esse elepê foi super elogiado pela imprensa da época e eleito entre os melhores em diversas listas daquele ano. Mas nunca teve sequer reedição em vinil ou lançamento em CD e continua inexplicavelmente inédito nas plataformas digitais. Acabou

se tornando item de colecionador e, quase sete décadas depois, um exemplar em bom estado pode valer mais de R\$ 300,00 em sites especializados, inclusive no exterior. A mesma situação acontece com os discos de outros melódicos, como os de Norberto Baldauf na Odeon ou Philips, Peixoto Primo pela Mocambo e Conjunto Flamingo na Audio Fidelity".

## Ouvindo no jazz

Após a empreitada fonográfica, uma agenda cada vez mais tomada por eventos sociais, apresentações em programas da PRH-2 (*Vesperal Farroupilha*, *Rádio-Sequência*, *Os Brotos Comandam*) e ao menos cinco horas diárias de ensaio nos estúdios da emissora (então instalada em um prédio na avenida Siqueira Campos, próximo ao Mercado Público) mantinham o conjunto afiadíssimo e criativo. A fase também foi pautada pelo aprofundamento do interesse em relação ao jazz e suas diversas ramificações em voga na época, de forma impactante no amadurecimento de uma sonoridade diferenciada mas sem prejuízo ao apelo dançante dos bailes, frequentados por gente de ouvi-



Ao lado da cantora Doris Monteiro, em registro de 1962 na TV Piratini

do mais 'quadrado' e que nem sempre tinha na música em si uma prioridade.

Igualmente decisivo nesse

processo era a copa-franca em discotecas como a do ex-integrante Gercy em seu bar, sempre atualizada com as últimas vertentes do gênero. "A gente estava em sintonia com as novidades que vinham dos Estados Unidos e Europa, teve muita influência do acordeonista norte-americano Art Van Damme, do samba-jazz, esse tipo de som, em questões como arranjos e harmonias, fazendo com que nosso trabalho fosse tecnicamente mais elaborado que o da concorrência, fosse nas baladas mais românticas ou até mesmo no rock'n'roll do Bill Haley", explica Mutinho.

A turma também ficaria conhecida nos meios artísticos por outro ingrediente, sob portas fechadas do sempre aberto espaço de ensaios da Farroupi-

lha, como diverte-se o baterista: "Com exceção de Hermes, Ney e Sadi, mais conservadores, o pessoal fumava maconha direto, em uma época na qual isso era coisa de bandido, aquela história toda. Para nós havia outra ideia, sem maldade, de que isso permitia melhor concentração nos discos que ouvíamos, por exemplo. Aí teve uma ocasião em que o comunicador Salimen Júnior [1934-2011] nos anunciou ao público da emissora como 'A Esquadrilha da Fumaça!'. Nem todo mundo entendeu o motivo da brincadeira, mas mesmo assim ficamos morrendo de medo que o pessoal moralista não chamasse mais a gente para tocar. Felizmente, isso não aconteceu. Mas o apelido acabou pegando e tem colega daquela época que ainda lembra".